

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O LUGAR DO ARTISTA-DOCENTE.

Caroline Cavalcante Nascimento¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é refletir sobre o fazer educacional, mais especificamente a figura do artista-docente, em meio à epidemia mundial que assola o globo desde março de dois mil e vinte. Abordaremos o cenário da educação nesse contexto, tratando primeiramente, de alguns métodos que vem sendo utilizados em todo o mundo para manter as escolas “funcionando” de forma remota. Também será feita uma breve explanação sobre a produção artística em meio à epidemia do coronavírus e as reinvenções necessárias para que artistas não fiquem desamparados. Por fim, uma análise de uma página na rede social Instagram, na qual são expostas obras artísticas produzidas por professores de arte do Brasil todo, os quais enfrentam o desafio de serem educadores da rede básica de ensino, em meio à crise de saúde e humanitária que se instaurou no planeta.

PALAVRAS-CHAVE

educação, pandemia, artista, professor.

Recebido em: 08/07/2020

Aprovado em: 24/07/2020

¹ Estuda na instituição de ensino CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais 2017 – 2021; Estudou na instituição de ensino Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Estudou na instituição de ensino Federal University of Mato Grosso do Sul Turma de 2008.

EDUCACIÓN EN TIEMPOS PANDÉMICOS: EL LUGAR DEL ARTISTA DOCENTE

RESUMEN

El objetivo deste artículo es reflexionar sobre el trabajo educativo, más concretamente la figura del artista-profesor, en el medio de la epidemia mundial que ha plagado el mundo desde marzo de 2000. Abordaremos el escenario de la educación en este contexto, abordando primero algunos métodos que se han utilizado en todo el mundo para mantener las escuelas "funcionando" de forma remota. También se hará una breve explicación sobre la producción artística en el medio de la epidemia de coronavirus y las reinenciones necesarias para que los artistas no se vean indefensos. Por último, un análisis de una página en la red social Instagram, en la que se exhiben obras artísticas producidas por profesores de arte de todo Brasil, que enfrentan el desafío de ser profesores del sistema escolar básico, en medio de la crisis sanitaria y humanitaria que ha tenido lugar en el planeta.

PALABRAS-LLAVE

educación, pandemia, artista, profesor.

Educação x Coronavírus:

À guisa de introdução, faz-se necessário lembrar que há alguns anos já se discute a inserção da tecnologia na rede básica de ensino. Mais que uma preocupação em alinhar-se a uma tendência mundial, o uso das chamadas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) na sala de aula, tornou-se uma necessidade de qualquer ambiente educacional preocupado em atender as demandas dos estudantes das novas gerações.

O termo tecnologia é de origem grega: tekne e significa “arte, técnica ou ofício”. Já a palavra logos significa “conjunto de saberes”. Portanto, a palavra define um conjunto de técnicas, métodos e processos específicos de uma ciência, ofício ou indústria. Também pode-se pensar a tecnologia como transformadora do meio onde vivemos. Assim, tudo pode ser tecnologia, desde a pedra lascada usada anteriormente como utensílios e armas, até os notebooks e celulares da contemporaneidade. Nesse contexto, emerge um novo formato de ensino, no qual giz, quadro e livros não são mais os únicos recursos que os professores possuem, necessitando desenvolver um conjunto de atividades didático-pedagógicas a partir das tecnologias disponíveis na sala de aula e as que os alunos trazem consigo (geralmente o celular).

Conforme disserta Chaves (2004), a geração Y nascida entre 1980 e 1996 tinha certa familiaridade com a tecnologia. Em seguida, temos a geração Z composta pelos nascidos entre 1997 e 2010, que já são íntimos dos meios de comunicação e tecnologias digitais. Por fim, nasce a geração Alfa- também chamada de nativos digitais- justamente por tratar-se de crianças que vieram ao mundo a partir de 2010 e que já nascem envoltas no contexto da tecnologia em suas vidas, desde muito cedo.

Por estar em contato como o mundo virtual/digital tão precocemente, essas crianças e jovens precisam ser estimuladas a pensar e agir de outro modo em sala de aula, que não seja exclusivamente

tradicional, maçante e retórico. Esse desafio já vem sendo enfrentado por escolas e educadores há tempos e a questão amplamente debatida entre os profissionais do ramo.

Faço aqui -com licença nem um pouco poética- um corte. Se esse texto tivesse sido escrito há quatro meses, provavelmente seria mais uma infinita discussão sobre as dificuldades dos docentes em se adaptar às novas tendências educacionais e o atraso da escola diante do cenário pós-moderno já posto. Contudo, em meados de julho, do ano dois mil e vinte, o lócus enunciativo que se apresenta não permite mais debates sobre as angústias e incertezas professorais com relação ao uso das ferramentas tecnológicas em suas aulas e avaliações- uma Pandemia de ordem mundial nos assola e todos estão em desordem, aterrorizados e com medo. Nesse contexto, a utilização da tecnologia como alternativa para mitigar a descontinuidade das aulas presenciais é praticamente uma imposição. A discussão deixa de ser horizontal e apresenta-se como um fato: Todos os profissionais da educação (gostem ou não) tem de se adaptar a essa nova realidade e adequar-se ao modo “virtual de ensino”.

Nas palavras de José Gil, o medo do coronavírus “encolhe o espaço, suspende o tempo, paralisa o corpo, limitando o universo a uma bolha minúscula que nos aprisiona e nos confunde”. (GIL, 2020, p.8) Gil ainda enfatiza que, nesse cenário que se instaurou devido ao Covid 19, comunicar-se é furar a bolha e também um modo de tomar consciência de que nosso mundo se estende para além dos quartos em que estamos confinados. O momento é delicado e exige um esforço físico e psicológico em seguir a vida do modo menos prejudicial possível. As opressões sociais se evidenciam e nossos corpos foram obrigados a desacelerar. Produção, trabalho, cidade, comércio, tudo está paralisado diante da potência de um vírus microscópico. A pujança do “pequeno” é o destaque da vez.

A filósofa contemporânea Pazetto (2020) atesta que:

Lutamos contra uma epidemia global. Governos do mundo inteiro convocam seus cidadãos ao confinamento, ao teletrabalho e ao teleconsumo. Escolas e universidades suspendem ou virtualizam suas atividades. Fronteiras, aeroportos e estradas são fechados. Sistemas de saúde e funerários, públicos e privados, entram em colapso. Trabalhadores, em suas casas, param para refletir sobre o sentido da existência. Cadáveres são enfileirados em sacos plásticos e enterrados em valas comuns. A rastreabilidade biodigital adquire novos argumentos e técnicas. Políticas neoliberais se tornam mais agressivas, mas também mais questionáveis. Corpos passam a ser percebidos como vetores de contágio. O mundo é outro. Ao mesmo tempo, continua sendo o mesmo. O vírus apenas coloca um holofote sobre o apocalipse ecológico e as opressões de classe, raça, gênero e território que sempre estiveram por aí. No Brasil, o novo contexto desastroso de pandemia e confinamento se sobrepõe ao velho contexto de desastre ambiental, político e econômico que vem sendo promovido pelo governo Bolsonaro/Guedes. (PAZETTO, 2020, p.11)

Numa tentativa de sairmos de nossas bolhas e não nos paralisarmos, usamos os meios virtuais em associação com as tecnologias e com inúmeros sistemas de integração/interação para suprir a necessidade de comunicação e interação. As redes sociais recebem ainda mais destaque e inúmeros aplicativos para reuniões de trabalho e conversas por vídeos ganham voz e vez. Popularizam-se as “lives” e “encontros online”. Numa desenfreada busca por sentir-se ativos e interagindo, nos tornamos teletrabalhadores, telealunos, youtubers, editores e produtores de vídeo da noite para o dia. A avalanche do “online” cooptou tudo: palestras, aulas, reuniões, encontros, shows e até mesmo as festas de aniversário.

O alastramento do COVID-19 tem imposto ao mundo a tomada de medidas críticas por parte dos governos de todas as nações. O foco maior está nos desafios para manter os sistemas de saúde, contudo os sistemas de educação também são afetados. A pergunta que emerge é: Como educar/ensinar em tempos de crise pandêmica? A necessidade e a cobrança por “seguir a vida normalmente” obrigou professores e alunos a se depararem com uma realidade inédita para muitos: o ambiente virtual de ensino-aprendizado. Importante marcar que isso não significa que estamos tratando de EAD. O sistema à distância utilizado há anos pelas Universidades não implica necessariamente no modo como as aulas estão sendo organizadas atualmente. O que temos são aulas remotas, em casa. E o termo remota ainda não foi bem aclarado pelos especialistas, o que nos deixa

mais atônitos diante do que vemos acontecendo. Desse modo, o cenário é de incertezas no campo da educação e as escolas buscam driblar a crise de modos diversos.

Nos quatro cantos do globo, o isolamento social se fez necessário. A despeito da diferença no rigor estipulado por cada nação, o procedimento foi o mesmo com relação à vida escolar de aproximadamente 1,6 bilhão de crianças e adolescentes de 191 países: todos estão fora da escola. Diante disso, está sendo demandada, por parte dos docentes, a capacidade de experimentar, inovar, utilizar do modo possível diversas ferramentas, cujo uso, para muitos, era até então ignorado. O aclamado discurso da necessidade de inserção da tecnologia na educação, da importância do professor se atualizar e reconstruir modos de operar didaticamente com as novas ferramentas e da necessidade de instrumentalizar o professor para tal tarefa, agora veio com força total. Não há mais tempo para o debate! Educadores, pais e alunos foram obrigados a se reinventar e encontrar um modo de continuar estudando em casa, com o uso das redes e recursos disponíveis. E ao professor, o grande desafio: aprender da noite pro dia a ser youtuber, editor de vídeos, utilizador de plataformas, telecomunicador, técnico de informática, dentre outras habilidades. Aqueles que estavam resistindo a se mexer e inovar nos modos de educar, agora tiveram que “na marra” dar conta dessa nova demanda e necessidade de sobrevivência.

As soluções encontradas pelas nações foram as mais diversas possíveis. Em países como a China, que possui uma estrutura potente de acesso à internet e às tecnologias, as escolas adotaram o sistema de atividades online. Em Portugal o projeto é um pouco mais popular, optou-se pela transmissão de aulas pela televisão. Pelas vias de um plano que ganhou o nome de #EstudoemCasa, disponibilizou-se, na TV aberta, uma programação diária, com aulas de trinta minutos, organizadas a partir de afluências de conteúdos que normalmente compreendem mais de uma disciplina e são indicados a várias faixas etárias, como se existissem classes mescladas. No Canadá, optou-se pela construção de um portal online oferecido pelo Governo, no qual são submetidas atividades para as

crianças. Para o acompanhamento, criou-se um contato semanal, por telefone, assim os professores tratam diretamente com pais e alunos sobre as eventuais dificuldades.

No Brasil, diante da negação do governo federal de um projeto nacional de enfrentamento à pandemia no que tange à educação, cada Estado criou uma maneira de se reinventar e organizar seu sistema educacional. São Paulo, optou pela oferta de educação não presencial, com suporte via canal televisivo TV Educação. Em Santa Catarina, a aposta foi em um procedimento emergencial voltado à formação de professores, com um cronograma que atribuiu maior enfoque à utilização de ferramentas integradas ao Google for Education. Já em Minas Gerais, foram criadas três frentes de ação: o plano de estudos tutorado (PET) com apostilas de atividades e orientações de estudo, um programa de TV em canal aberto e a distribuição de material didático via redes sociais e pelo site da Secretaria Estadual de Educação.

Em escala regional ou mundial, mesmo com os esforços de secretarias e governos, nota-se o quanto a educação é frágil e os meios de acesso à informação extremamente desiguais. A pandemia corroborou o que já era sabido de todos: o quão estamos em uma sociedade injusta e bem longe dos patamares de equidade no que tange à Educação. Ademais, urge refletirmos sobre as práticas educacionais instauradas em tempos pandêmicos. O “conteúdismo” tradicional e maçante não tem lugar num período em que fragilidades psicológicas e físicas estão evidentes e o acesso ao ensino tem de ser mediado por telas de computadores e celulares seguidos de uma conexão de internet lenta e muitas vezes insuficiente. Há ainda a problemática referente ao momento “pós-pandemia”. Ainda não sabemos quais serão os “prejuízos” de ordem pedagógica em crianças e jovens que ficaram tanto tempo afastados do espaço escolar. O fato é que o momento exige reinvenções, reformulações e uma dose de bom senso e sensibilidade para que os traumas sejam os menores possíveis a todos.

Cadê a minha escola? Sumiu.

A frase título dessa parte do texto, foi proferida pela diretora da Regional de Ensino de São Carlos (SP) em entrevista sobre as medidas que seriam tomadas para que a educação na cidade não fosse tão afetada. “Lá pelo dia 20 de abril, muito de repente, todo mundo teve aquela sensação de ‘Cadê a minha escola? Minha escola sumiu’[...] E aí nós tivemos que pensar diferente e colocar a inteligência para funcionar na máxima capacidade – todos nós, alunos, professores, diretores até os órgãos centrais”. (BLANCO, 2020, p.2)

Esse mesmo sentimento de orfandade com relação à escola é partilhado por inúmeros alunos, pais e professores, haja vista os relatos que podemos encontrar nas redes sociais de estudantes e educadores quando indagados sobre as atuais práticas educacionais em tempos de pandemia.

Uma página foi criada no Facebook para compartilhar experiências narrativas de crianças, jovens e pais diante da atual ordem. Ao analisarmos os relatos, nota-se que há um discurso semelhante entre eles, uma certa nostalgia com o espaço físico escolar, o professor, os colegas. Uma elocução de um “vazio” que atormenta tanto crianças quanto adultos.

“No começo das aulas remotas, todos ficamos empolgados. Foi reconfortante fazer contato com as professoras e com os colegas através do grupo. Pensávamos que seria muito bom para as crianças separar 2h30min do dia para uma atividade educativa sugerida pela escola. Muito rapidamente as coisas mudaram. De uma singela recomendação da escola, as aulas remotas se tornaram uma obrigatoriedade, sendo feita uma chamada pelo WhatsApp, onde alunos tem que registrar a presença (sob o risco real de ganhar uma falta) e COMPROVAR esta presença através de fotos das atividades realizadas no caderno para a correção da professora. (Eu tenho pena da professora que tem que corrigir o caderno - e os garranchinhos - dos meus filhos através de uma foto de celular).” (pais de estudantes, de 7 e 8 anos, do 2º e 3º anos em Escola Municipal no Litoral do Paraná).

“Meu filho não presta atenção, ou faz tudo correndo ou, se eu não patrulhar (ele fica na sala, eu no escritório) abre um jogo e já era... Muito difícil, fica de castigo direto. Como mudou de escola no começo do ano, não teve tempo de criar laços com a turma, não tem vontade

participar, não quer que o vejam no vídeo, sempre bloqueia. Semana passada começou a ter aula de educação física por vídeo também, ao vivo, antes o professor gravava e enviava alguma atividade. Ele gostou bastante, mas é limitado o que pode fazer por morar em apartamento.” (*Mãe de estudante de Escola Particular de Porto Velho/RO*).

As crianças quando confrontadas sobre como se sentem também enunciam um certo desconforto, como nota-se nesse diálogo entre mãe e filha sobre a atual situação:

Mãe: Eu quero saber o que você está achando dessas aulas online.

Filha: Elas são muito chatas. (...) Porque tem que ficar pegando livro, fazendo aquilo. Mas tem uma parte legal da aula online.

Mãe: Qual?

Filha: O grupo das meninas... Quando a aula acaba e aí algumas meninas ficam lá e ficam fazendo algumas coisas.

Mãe: Por que você acha que ela não tá sendo tão legal assim?

Filha: Porque ela [a professora] em alguns vídeos, ela fica muito tímida... Aí ela, em alguns vídeos, não aparece.

Mãe: É só a voz dela, né? E aprender desse jeito é diferente?

Filha: É difícil! (...) Porque aprender desse jeito, a gente não consegue aprender direito, porque a aula não tá sendo legal e a gente não consegue prestar muita atenção.

Mãe: O que falta?

Filha: Falta a gente brincar.

Mãe: Aprende mais quando tá com os amigos? Por que você acha?

Filha: Porque quando tá coletivo, se um não aprende o outro explica, aí vai indo. Coletivo é mais legal, assim. Aí a gente, quando a professora vai no banheiro e beber água, os outros amigos explica o que é pra fazer antes da professora chegar. Aí ninguém fica perdido.

(*Diálogo entre mãe e filha, de 6 anos, Escola Particular de Curitiba/PR, disponibilizado por vídeo pela família*)

O momento é de extrema delicadeza e exige dos pais especialmente, um amparo emocional e afetivo maior com os filhos. No entanto, sabemos que a quantidade e a qualidade do apoio dado à criança para manter seus estudos fora da escola, varia criticamente por contexto familiar.

Urge estarmos atentos às consequências que a ocasião acarreta para as crianças e jovens em geral. A interrupção das aulas também afeta a rede de proteção social, não são raros os casos de crianças que têm na merenda escolar a única refeição balanceada; ou das mães que, por serem geralmente as principais responsáveis pelo cuidado infantil, acabam por ficar sobrecarregadas.

Arte x Covid19

No contexto de crise mundial sanitária pela qual estamos passando, a produção artística produzida em todo o globo acaba por refletir o impacto do Covid-19. Em Barcelona-Espanha, foi criando um museu virtual intitulado Covid Art Museum, cujo intuito é divulgar o imenso acervo que vem sendo criado por artistas de todo canto. Nas produções, nota-se “alertas” sobre a importância da reclusão social, combate à desinformação, homenagens a trabalhadores da saúde, denúncias das desigualdades sociais agora escancaradas pela pandemia e também retratos do cotidiano e do novo “normal” agora vivenciado por todos. O acervo do museu já reúne obras de mais de 250 artistas e soma 25 mil seguidores.



Figura 1- Dia 21 de março de 2020 - Artistas do grupo senegalês de grafite RBS Crew finalizam o desenho de uma mulher cobrindo o nariz com um lenço [bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/19/coronavirus-arte-reflete-impacto-mundial-da-doencafotos.ghtml](https://www.bemestar.com.br/coronavirus/noticia/2020/03/19/coronavirus-arte-reflete-impacto-mundial-da-doencafotos.ghtml) - acessado em 08/04/2020) - acessada em enquanto espirra, medida recomendada para

prevenção contra o coronavírus, em um centro universitário de Dakar, no Senegal — Foto: Seyllou/Reuters Fonte: reportagem Coronavírus: arte reflete impacto mundial da doença. Acessível em: <https://g1.globo.com/12/04/2020>).

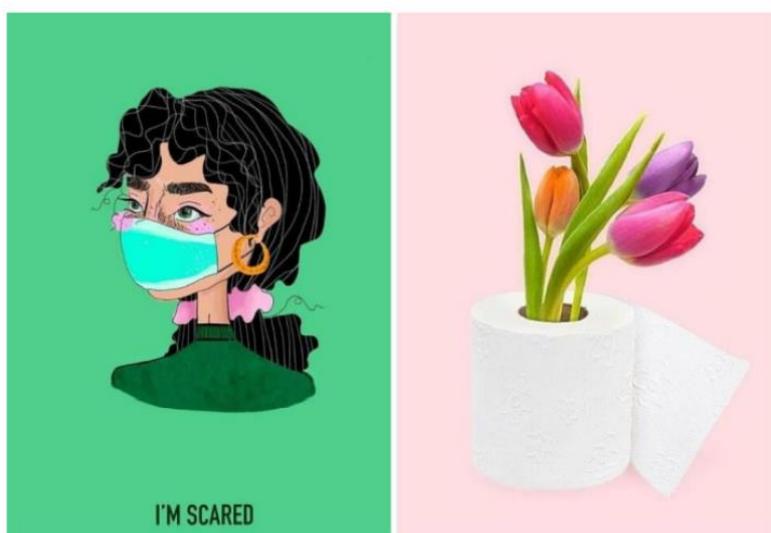


Figura 2 - <https://www.publico.pt/2020/04/10/p3/noticia/covid-art-museum-museu-nascidoquarentena-falar-1911698> - acesso em 28/04/2020)

No Brasil, os pedidos de socorro provenientes das camadas mais pobres, que sofrem as consequências do Covid-19 de modo mais intenso, são recorrentes. As mazelas oriundas da desigualdade social no país se tornam ainda mais evidentes em tempos de crise. Na tentativa de mitigar esses efeitos, por todo o país, surgiram iniciativas de coletivos e artistas engajados na causa cujo objetivo é a arrecadação de alimentos e cestas básicas a serem ofertados para famílias em situação de vulnerabilidade social. Em São Paulo, foi criado o movimento União-SP pela equipe da Galeria Nara Roesler - junto com artistas ligados a ela - que selecionou 27 obras do seu acervo para venda com arrecadação total revertida para compra de cestas básicas.



Figura 3 - Obra do Marcos Chaves cuja venda será revertida artista brasileiro para a compra de cestas básicas para a população brasileira mais atingida e desprotegida pela terrível soma —desigualdade social + pandemia do Covid-19!. (fonte: <https://nararoesler.art/exhibitions/177/> - acesso em 29/04/2020)

Há também as ações voltadas aos artistas, os quais em tempos “normais” já sentem dificuldades para sobreviver, que dirá em momentos caóticos. Um movimento criado pelo Centro Cultural Solar dos Abacaxis, espaço cultural, artístico e educacional localizado no bairro do Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro, lançou uma campanha para levantar um fundo colaborativo a fim de ajudar artistas a sobreviverem nesse tempo sombrio. Observa-se ocorrendo em todo o território nacional ações como as citadas, que se mostram como fundamentais para mitigar os impactos e consequências da crise atual.

E o artista-docente? Quem socorrerá?

Essa experiência humana global de perplexidade e incertezas aponta os limites do grande desenvolvimento tecnológico da humanidade. Investiu-se em tecnologia, porém não em sistemas de

saúde e prevenção que dessem conta de barrar um inimigo invisível e minúsculo, mas que consegue paralisar o planeta. Sairmos dessa experiência sem a consciência de que é imprescindível transformar o modo de vida que vínhamos levando, sem reconhecer que urge repensar os modos de estar no mundo, é seguir estando doentes. Essa é opinião de Ailton Krenak, um dos líderes indígenas brasileiros mais importantes da humanidade, apresentada em seu último livro “O Amanhã Não está à Venda” (disponível para download gratuito em <http://www.ultrajano.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Ailton-Krenak-Oamanha%CC%83na%CC%83oesta%CC%81a%CC%80-venda.pdf>).

Na obra, ele se afirma como contrário ao desejo de normalidade, acreditando mesmo não existir mais essa possibilidade diante de tudo que estamos vivendo. Afirma ser necessário realocar nosso modo de viver no mundo, caso queiramos sobreviver não só ao coronavírus, como também às tragédias ambientais e declínios socioeconômicos que estão por vir.

Em consonância com a urgente necessidade de produzir saberes e reflexões sobre o mundo em estado pandêmico, um território que se mostra profícuo nesse quesito é o das produções artísticas no campo da educação. Em especial, nos interessa os objetos estéticos produzidos pelos professores de arte da rede básica de ensino nacional. Entendendo que a arte é também um espaço de questionamento e crítica e que no contexto de ensino à distância a situação que se apresenta é difícil e nova para todos, dadas as novas adaptações que o professor está sendo obrigado a fazer para conseguir levar a cabo seu trabalho, surge o interesse desse estudo.

Como os arte-educadores estão se portando em relação à arte nesse momento? Há espaço para ser artista-docente em tempos pandêmicos? Postas essas questões, na tentativa de respondermos e entender um pouco mais do contexto ao qual os educadores estão inseridos, nos propusemos a analisar as propostas artísticas do Instagram: @arteemtemposdepandemia que se propõe a ser um “diário coletivo” para artistas-professores da rede básica de ensino exporem suas angústias, percepções e aflições vividas na quarentena.

Inspirados pelo já mensurado *Covid Art Museum* e criado pelos responsáveis do *Portal Teatro Na Escola* e pela página *Professores de Artes Cênicas* a equipe mentora da página do Instagram *@arteemtemposdepademia* afirma que: “O *@arteemtemposdepademia* é um espaço virtual no Instagram que pretende ser um diário coletivo dessa era de incertezas e é aberto a trabalhos de todos os artistas-professores em suas diferentes linguagens expressivas, nosso objetivo é constituir um arquivo sobre o surto de Covid-19 na perspectiva dos artistas-professores da educação” (descrição do perfil na página do Instagram).

Na página em questão, há apelos para os educadores da rede básica de ensino enviarem obras de arte que reflitam sobre o atual momento e que revelem as angústias vivenciadas pelos professores os quais estão se desdobrando em múltiplas funções: planejar aulas, criar e editar vídeos, responder pais de alunos e ainda por cima, dar conta da complexidade da sua própria casa com a rotina de estudos dos filhos e afazeres domésticos.

Em uma das seções temáticas das obras, o título dado foi: *Quais são as imagens, os momentos, as situações que lhe vêm à cabeça quando você pensa em escola?* Em resposta, inúmeras produções imagéticas denotam o sentimento memorialístico de afeto e saudosismo.



Figura 4 - disponível em <https://www.instagram.com/p/CAV0fckhDm8/> acesso em 04-07-2020.



Figura 5 - disponível em <https://www.instagram.com/p/CAWDhBMhAqY/> acesso em 04-07-2020.

Nas duas obras, enviadas por professoras de diferentes localidades, observa-se que o afeto, o fazer junto, a troca de experiências entre os estudantes é o elemento destaque. Diante da impossibilidade do contato físico, as experiências cotidianas e rotineiras que envolvem estudantes e professores nas atribuições diárias escolares tornam-se objeto de desejo. Uma certa melancolia paira nas obras.

Já quando a indagação foi: O que é ser professor em tempos de pandemia? Nota-se uma sensação de angústia, ansiedade e stress perpassando as criações:



Figura 6: disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBGG76GJHZk/>



Figura 7- disponível em <https://www.instagram.com/p/CBImc1vJjVg/>



Figura 8 - disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA-QhF2Jeti/>

Ao analisar as produções-artísticos-imagéticas como um todo, podemos criar uma linha de raciocínio que as perpassa: o professor enquanto objeto descartável, prestes a explodir diante da pressão a que está submetido, tornado “coisa” numa construção imagética de ares cubista. O discurso que emerge das imagens é justamente o do artista-docente que se torna máquina dentro do processo de telensino, que se encontra cansado, estressado, sob pressão, desconstruído de si, “coisificado”.

O isolamento nos trouxe dias tensos. Frente ao medo da morte, da perda, do enfretamento da crise financeira e das privações, a arte junto à tecnologia nos envolve em processos de entretenimento e distração, colaborando com um pouco de leveza aos nossos dias e auxiliando-nos a manter a saúde mental. Ser artista em nosso país, é um desafio. Assim como o é ser professor. Ser artista-professor então, resulta numa gama de complexidades a serem enfrentadas diariamente. A pandemia nos fez

entender que podemos sobreviver sem restaurantes, bares e festas. Contudo, não daríamos conta desse momento se não fosse pelos filmes, músicas, leituras e tantas manifestações da arte encontradas em múltiplas nuances.

A função do professor também se evidencia ainda mais nesse período, mesmo com atividades e tarefas online, exercícios e vídeos em lives, é necessário o “corpo” docente em cena para que a mediação do conhecimento aconteça.

Nota-se mais uma vez o papel da arte em ajudar a lidar com o caos dos nossos pensamentos (por vezes destrutíveis, nesse período) e em nos auxiliar a aprender e demarcar nossa identidade. No caso dos artistas-educadores, a produção em arte torna-se uma forma de se colocarem no mundo enquanto sujeitos questionadores de si e do outro (no caso, o outro pode ser lido como a doença). Também é uma oportunidade para redescobrirmos nossas potencialidades e natureza, nossa solidariedade, nosso senso de criatividade e resiliência.

Referências:

CHAVES, Eduardo. **Sua escola a 2000 por hora:** educação para o desenvolvimento humano pela tecnologia digital. São Paulo: Saraiva: 2004.

KRENAK, Aílton. **O Amanhã não está à venda.** Editora: Companhia das Letras, 2020. Ebook. Disponível: <http://www.ultrajano.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Ailton-Krenak-Oamanha%CC%83na%CC%83oesta%CC%81a%CC%80-venda.pdf>).

PAZZETO, Débora. **Corpos Decoloniais na arte brasileira contemporânea.** Revista “ArteFilosofia”, Ouro Preto, 2020.

TRICATE, Myriam. **A educação a distância contra a pandemia.** PEA UNESCO. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/03/25/educacao-a-distancia-unesco/>. Acesso em 28 junho de 2020.

Sites e revistas eletrônicos:

ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA. 2020. Disponível em: <https://www.teatron.com.br/noticias/item/450-arte-em-tempos-de-pandemia> aescola.com/index.php/ -acesso em 2 de julho de 2020.)

COVIDARTE 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/10/p3/noticia/covid-art-museum-museu-nascidoquarentena-falar-1911698> - acesso em 28/06/2020)

ENTREVISTA. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/dirigente-de-ensino-de-sao-carlos-conversa-sobre-mudancas-e-novas-praticas-de-ensino-na-pandemia/>

GIL, José. **MEDO.** 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/001-José> acesso em 02 de julho de 2020.